

## O DUPLO NÓ NO FUTEBOL BRASILEIRO: DEMOCRACIA RACIAL E IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO

João Victor Mazzucatto<sup>1</sup>

Wagner Xavier de Camargo<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo analisa as complexas interações entre as ideologias de democracia racial e do branqueamento no Brasil, com foco na história do futebol. Argumentamos que a democracia racial teve uma trajetória em arco na sociedade brasileira e no seu futebol, emergindo nos anos 1930 e decaindo após 1970. Partindo da obra de Lélia Gonzalez, o texto propõe que neste intervalo de tempo essas ideologias coexistiram e se retroalimentaram, criando um “duplo nó” que mantiveram o racismo estrutural. O futebol, visto como símbolo da mestiçagem e da democracia racial por intelectuais como Gilberto Freyre, foi explorado como exemplo das contribuições negras na identidade cultural brasileira. No entanto, a ideologia do branqueamento continuava a marginalizar o papel de negros/as, mantendo-os associados ao irracional, ao corporal e ao inferior. O evento histórico exemplo deste paradigma foi o racismo enfrentado por Moacir Barbosa na copa de 1950. A trajetória em arco da democracia racial se completa na transição do *futebol-arte* para o *futebol-força*, alinhado aos padrões europeus, evidenciando a queda do paradigma da miscigenação no futebol. Como conclusão, o texto aponta que este processo de modernização do futebol brasileiro, marcada pela arenização e exclusão das classes populares, reforça desigualdades raciais e afasta o futebol de suas raízes culturais mestiças.

**Palavras-chave:** futebol; democracia racial; ideologia do branqueamento; racismo estrutural; olhar generificado

### The Double Knot in Brazilian Football: Racial Democracy and the Ideology of Whitening

**Abstract:** The article examines the interactions between racial democracy and whitening ideologies in Brazil, focusing on football history. We argue that racial democracy followed an arc-like trajectory, emerging in the 1930s and declining after 1970. Drawing on Lélia Gonzalez, the text suggests these ideologies coexisted and reinforced each other, forming a "double knot" that sustained structural racism. Football, seen by intellectuals like Gilberto Freyre as a symbol of miscegenation and racial democracy, exemplified Black contributions to Brazilian identity. However, the whitening ideology marginalized Black people,

<sup>1</sup> Mestrando em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas. Integrante do grupo de estudos Transgressão e participante do laboratório Margem. E-mail: joaomazzucatto@gmail.com

<sup>2</sup> É cientista social e pesquisa expressões dissidentes de gênero/sexualidade nas práticas esportivas de coletivos socialmente marginalizados, particularmente de pessoas LGBTQIA+ e com deficiência. Tem formação em Antropologia, Estudos de Gênero e Educação Física. Atualmente está vinculado como pesquisador ao Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) da UFSCar e é colaborador permanente do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD). E-mail: wxcamargo@gmail.com

linking them to the irrational, physical, and inferior. A key example was the racism faced by Moacir Barbosa in the 1950 World Cup. The arc of racial democracy completes in the shift from football-as-art to football-as-force, aligned with European standards, marking the decline of the miscegenation paradigm. The text concludes that football's modernization, marked by stadium gentrification and working-class exclusion, deepens racial inequalities and detaches the sport from its mixed cultural roots.

**Keywords:** football; racial democracy; whitening ideology; structural racism; gendered gaze

## Introdução

Muitas foram as propostas de interpretação do Brasil. Apenas para citar algumas, intelectuais como Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda desempenharam papéis fundamentais na construção do pensamento social brasileiro, cada um à sua época, oferecendo interpretações marcantes sobre a formação do país e suas especificidades culturais, sociais e históricas. Estes teóricos mencionados, em seus modos específicos de pensar, buscaram compreender as complexas dinâmicas que moldaram o Brasil, dialogando com questões como “raça”, classe, identidade e cultura.

Freyre, por exemplo, enfatizou a mestiçagem como característica singular do Brasil e desenvolveu a controversa noção de “democracia racial”, destacando o papel da interação cultural entre brancos, negros e indígenas (FREYRE, 2010). Buarque de Holanda, por sua vez, investigou as “origens” do caráter nacional brasileiro em obras como *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1995), questionando a cordialidade e as estruturas herdadas do passado colonial. Já Prado Júnior, a partir de uma perspectiva marxista, analisou as relações econômicas e a exploração colonial como elementos centrais para entender a formação do Brasil contemporâneo (PRADO JÚNIOR, 1994). Embora tais interpretações tenham gerado debates e críticas ao longo do tempo, especialmente no que tange à idealização de certos aspectos e às ausências críticas sobre o racismo inerente às estruturas sociais, as obras mencionadas permanecem referências essenciais para pensar a identidade nacional e os desafios que marcam o país, inclusive no futebol.

Assim, estas elaborações teóricas não ficaram circunscritas apenas aos domínios da Sociologia ou das Ciências Humanas em geral, mas tiveram grande

impacto na formação identitária do futebol brasileiro, e por isso não é exagero afirmar que a história desta prática se confunde com a história do país. Nesse sentido, a intenção deste texto é destacar as correlações entre a formação da identidade nacional e do futebol, tomando como espirais analíticas a famosa “democracia racial” e a chamada “ideologia do branqueamento”.

O presente texto, desta forma, irá pensar na produção da antropóloga Lélia Gonzalez (2020b) como aquela que disputa a posição de intérprete do Brasil, ao lado dos intelectuais mencionados. Sua leitura da história do país tem um forte viés psicanalítico, de modo que poderíamos dizer que sua obra coloca o Brasil no divã. Tal analogia com a clínica psicanalítica se deve pois, como ela diz, o Brasil padece de uma neurose cultural, em razão do sofisticado racismo mobilizado em suas terras, denominado “racismo por denegação”. Segundo a autora, essa forma de racismo se baseia na negação de um traço cultural e identitário, ao mesmo tempo em que se nega o próprio racismo (via democracia racial), tendo como sintoma a neurose (GONZALEZ, 2020b). Desta feita, ao procurar olhar para o Brasil retirando os mecanismos de repressão do devir negro (MELO, 2020) que o constitui, a autora está atacando a raiz da neurose cultural brasileira.

Ora, Gonzalez era uma ativista mulher do movimento negro brasileiro, mas que em seu tempo, junto com outras/os intelectuais, sentia-se em um entre-lugar. Embora muito mais afeita ao movimento negro do que ao feminista (porque ele era mais acolhedor às demandas das mulheres negras), Gonzalez não estava plenamente satisfeita com nenhum dos dois: ao movimento negro faltava um arcabouço conceitual feminista, e ao movimento feminista faltava uma elaboração teórica mais precisa do corpo negro. Em outras palavras, para além de um olhar generificado, talvez faltasse para ambos aquilo que a feminista norte-americana Kimberlé Crenshaw (2002) chamou de “interseccionalidade”.

Desta maneira, González entendia que todas as teorias em voga no Brasil, especialmente aquelas que o interpretavam (oriundas das Ciências Sociais) deixavam um “resto” inexplicável. Por isso, a autora optou por olhar o Brasil de forma concorrente, a partir da intersecção das Ciências Sociais de matriz marxista, dos estudos feministas, da psicanálise, e das teorias de raça, o que significa olhar para o Brasil tendo como epicentro a figura da mulher negra:

Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva socioeconômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar. Exatamente a partir das noções de mulata, doméstica e mãe preta que estavam ali, nos martelando com insistência [...] (GONZALEZ, 2020, p. 77).

De outra parte, a história do Brasil foi marcada, desde o período da colonização, pela chamada “ideologia do branqueamento”, que para Gonzalez (2020b), uma série de mecanismos sociais e psicológicos que produzem a cultura e a raça branca como superior à negra.<sup>3</sup> Em termos psicológicos e de produção de identidade tanto individual como de nação, a ideologia do branqueamento acabou inviabilizando corpos negros e o seu papel na formação social do Brasil (GONZALEZ, 2020b).

Em termos de políticas públicas, por exemplo, um dos grandes efeitos dessa ideologia foi a política imigração europeia, que durou de 1890 a 1930 e esteve assentada no primeiro censo brasileiro de 1872 - que, paradoxalmente, revelava que o Brasil era negro. Tal ideologia teve como objetivo embranquecer a população.

No Rio de Janeiro, capital do país, assistimos à tentativa de imposição da ginástica sueca como prática corporal, o que se revelou, logo nos anos subsequentes, um fracasso retumbante pois, como explicou Andréa Moreno (2003), a tentativa de esquadrihar a partir de parâmetros racionais europeus os corpos fluminenses que se moviam dançantes através da capoeira não deu certo, dado que não houve vínculo de identidade entre os corpos e a prática imposta.

Gilberto Freyre (1938; 1947), ao forjar o conceito de democracia racial nos anos 1930, provocou uma mudança de paradigma, segundo o qual a especificidade do Brasil era a mestiçagem, mostrando que a discriminação e o preconceito contra o negro não existiam no território brasileiro (Gonzalez,

---

<sup>3</sup> Os termos branqueamento e branquitude são utilizados no campo dos estudos raciais. Branquitude se refere a construção da identidade branca, condição necessária para a adesão a um pacto narcísico (o pacto da branquitude), e a manutenção de um lugar de privilégio mantido por diversos mecanismos sociais; branqueamento, um dos efeitos da branquitude, é a construção dessa identidade como superior, criando o desejo de alcançá-la, de “ser branco”, negando outras identidades não brancas, ou seja, é a tentativa de branquear seja pela assimilação da cultura branca ou de suas características biológicas (Bento, 2002). Dada esta explicação, neste artigo usaremos “branqueamento”.

2020b). Freyre via o futebol brasileiro como o exemplo mais bem acabado de democracia racial (FREYRE, 2010). Para a geração de intelectuais contemporâneos a ele, que viam um projeto de construção da identidade nacional brasileira, o futebol e o samba caíram como uma luva.

A questão é que a história é feita de reminiscências, e rupturas não são consolidadas do dia para a noite. Na realidade, continuidades e descontinuidades não existem na história, e sim nas explicações históricas (CRARY, 2012). Isso se aplica, também, à história das mentalidades. Por isso, a ideologia da democracia racial não fez sucumbir, instantaneamente, a ideologia do branqueamento, mas ambas coexistiram, e coexistem até hoje - embora alguns possam pensar que com a emergência do neoliberalismo de extrema direita, o mito da democracia racial foi extirpado do debate público, consolidando a trajetória em arco que defendemos neste texto.

Essa coexistência produziu aquilo que Gonzalez (2020a), apoiada em Marilena Chaui, chama de um “duplo nó”, no qual há uma afirmação e negação simultâneas, aparentando ser uma paradoxalidade. Este termo foi forjado por Marilena e transposto para as questões de raça num artigo de Lélia intitulado *A mulher negra no Brasil*, publicado na coletânea *Por um feminismo afro-latino-americano* em 2020. Neste capítulo, Gonzalez discute como a democracia racial, cujo pressuposto é a convivência harmônica entre raças no Brasil, convive com a ideologia do branqueamento, que afirma a superioridade de uma raça sobre outra. Essa articulação é o que se chama duplo nó, e como argumentamos aqui, é ela que faz da democracia racial um mito.

A autora resolve esse nó a partir da distinção entre público e privado: enquanto a democracia racial permanece no nível do discurso público e oficial a respeito de corpos negros, no nível privado predomina a ideologia do branqueamento. O que Lélia e outras/os intelectuais demonstram com muita acurácia é que, longe de uma contradição, ocorre o imbricamento das duas ideologias de forma a ocorrer uma retroalimentação. O mito da democracia racial reforça a ideologia do branqueamento à medida em que oculta a divisão racial do trabalho e do espaço (GONZALEZ, 2020a).

Para Gonzalez, a difusão da cultura negra no Brasil teve como principal causa a figura da mãe preta. Filhos e filhas de pessoas brancas da elite brasileira

não eram criados pela mãe biológica, e sim pela mãe preta, e por meio dela assimilaram um enorme arcabouço cultural negro. Esses mesmos membros da elite, como Prado Júnior (1994) explica, ao produzirem suas interpretações do Brasil, acabavam por negar as contribuições do elemento africano na construção da cultura brasileira.

Utilizando o arsenal conceitual da psicanálise, Gonzalez afirma que a mãe preta assumiu uma posição na formação psicológica da criança denominada de sujeito suposto saber, um conceito de Lacan. O sujeito suposto saber é aquele que a criança compreende como o detentor do saber, e tem como função introduzir a criança na ordem da cultura. Para Lélia, a mãe preta, protagonizada pela mulher negra, foi o golpe fatal da resistência negra contra o processo de colonização.

Exatamente essa figura [a mãe preta] para o qual se dá uma colher de chá é quem vai dar a rasteira na classe dominante [...] E graças a ela, ao que ela passa, a gente entra na ordem da cultura, exatamente porque é ela quem nomeia o pai. Por aí a gente entende por que, hoje, ninguém quer saber mais de babá preta, só vale portuguesa. Só que é um pouco tarde, né? A rasteira já está dada (GONZALEZ, 2020b, p. 87-88).

A escolha do futebol como ponto de ancoragem para corroborar a leitura histórica do Brasil de Gonzalez deve-se ao fato de algumas práticas corporais, tais como esta modalidade, o samba e a capoeira, muitas vezes se confundirem com a história do país. Dito isto, o objetivo aqui é analisar o nó entre a “democracia racial” e a “ideologia do branqueamento” no processo histórico de constituição do futebol brasileiro.

### **O futebol brasileiro como expressão do mito da democracia racial**

A trajetória do futebol no Brasil até os anos 1930 pode ser dividida em três grandes fases: a introdução do esporte no Brasil (fins do século XIX), uma elitização inicial decorrente da polvorosa que se instalou particularmente em torno da capital e adjacências (Rio de Janeiro e São Paulo) e a popularização progressiva que culminou na teorização de intelectuais como Gilberto Freyre.

Assim, para este “intérprete do Brasil” (CANDIDO, 1975)<sup>4</sup>, o futebol era um dos exemplos mais bem acabados da democracia racial, porque era o exemplo

---

<sup>4</sup> O termo pode ter sido amplamente difundido por Candido (1975), mas Bernardo Buarque de Hollanda (2004) reedita em suas pesquisas sobre José Lins do Rego e Gilberto Freyre como a interpretação deste

de mestiçagem e originalidade brasileiras, de uma prática corporal inglesa que foi alterada por hábeis corpos negros em solo brasileiro (FREYRE, 2010). Não apenas o futebol foi visto assim, como também o samba, que se encontrou na encruzilhada da história do Brasil com o futebol. Enquanto a modalidade esportiva foi uma prática que nasceu nas elites e passou por um processo de popularização, o samba nasceu nas periferias e foi inserido nas elites, especialmente com sua divulgação por meio do disco e da rádio na primeira metade do século XX (SIMAS, 2021).

O samba urbano carioca, por exemplo, é fruto de vários sambas rurais, mesclados com o samba de roda do recôncavo baiano, configurados todos como música folclórica, que se encontraram no Rio de Janeiro em meio ao processo de urbanização e êxodo rural (LIMA, 2022). No decorrer do século XX, a música folclórica foi assumindo a forma de música popular brasileira, em que noções de propriedade intelectual, direitos autorais e o uso de robustos equipamentos fonográficos erigiram uma robusta indústria musical (LIMA, 2022).

Sobre essa encruzilhada samba-futebol, é curioso notar o caso de duas grandes personalidades brasileiras: Léonidas da Silva, o negro da periferia que se tornou um grande futebolista, e Noel Rosa, o branco de classe média que se tornou um grande sambista. Podia-se imaginar Noel Rosa dando bicicletas em Copas do Mundo de Futebol de homens, e Leônidas da Silva cantando “Conversa de Botequim”, mas a história testemunhou o contrário (SIMAS, 2021).

A popularização do futebol fez com que as técnicas do corpo negro, que são culturais, adentrassem em campo. Como explica Marcel Mauss (2003, p. 401), as técnicas do corpo são “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”. A diáspora negra trouxe as técnicas do corpo africanas para o Brasil, onde forjaram práticas culturais e corporais que se tornaram símbolos brasileiros, como a capoeira, o samba, e no caso do futebol - o que se convencionou chamar de “futebol-arte”.

---

sobre o futebol brasileiro foi singular no entendimento da identidade nacional. O texto de Buarque de Hollanda (2004) é interessante porque aborda a relação entre o modernismo brasileiro, o regionalismo nordestino e a construção de uma narrativa sobre o futebol como expressão da mestiçagem e da criatividade brasileiras, tópicos derivados de ambos os autores mencionados.

Como escreveu Luiz Antônio Simas (2021), o futebol brasileiro é a “capoeira de chuteiras”.

O drible, algo de tão particular do futebol brasileiro, só foi possível em um corpo que tinha a habilidade dos pés de um sambista, e a malemolência, a ginga, a mandinga, e a malandragem dos quadris de um capoeirista. Já dizia o poeta João Cabral de Mello Neto: o drible é quando os pés ganham as astúcias das mãos; Mané Garrincha, filho de indígenas de Alagoas, dizia que “driblava porque o corpo mandava e a cabeça obedecia” (SIMAS, 2021, p. 25), invertendo a tão sólida hierarquia mente-corpo da razão ocidental. Nada disso é possível dentro do rol de “técnicas do corpo” de cintura dura dos britânicos.

Aliás, Mané Garrincha é, para José Miguel Wisnik (2008), a apoteose trágica do drible, uma expressão tão complexa e tão simples ao mesmo tempo. Para este literato, num drible Garrincha elevava ao delírio a junção impensável entre eficácia e gratuidade. Conceituando,

O drible é um chiste, e sua irrupção em meio à prosa séria da disputa produz o relance de uma suspensão do recalcado, um prazeroso e desconcertante instantâneo de inconsciente (...). Uma disposição infantil e perverso-polimorfa, expressa nos lapsos imprimidos ao caráter consequente do discurso realista, faz do drible uma anárquica e utópica conciliação da realidade com o prazer. Ele seria, ao mesmo tempo, *tendencioso* e *inocente*, envolvendo de forma humorística o outro como objeto da vontade de brincar, reprimida pelas responsabilidades da condição adulta e pelas coerções da vida civilizada, que sublima carnavalizadamente (WISNIK, 2008, p. 312).

Ainda de acordo com Simas (2021), o futebol, no Brasil, foi encantado por Exú e sua dança serpenteada:

O futebol brasileiro popularizado está para o futebol inglês como certa umbanda para o kardecismo e o cristianismo institucionalizado. O futebol praticado aqui começa a ser visto como um jogo inglês subvertido, reinventado e encantado pelos modos brasileiros de se jogar bola. O gramado e o terreiro em que só dançavam na gira do jogo os jovens das elites e os trabalhadores europeus residentes no Brasil começam também a ser ocupados pelos descendentes de escravizados e de índios, pelos subalternizados no violento processo de formação do país e por quem mais resolvesse baixar na gira (SIMAS, 2021, p. 22-23).

Esse tipo de formulação do *futebol-arte* já se encontra em Gilberto Freyre, que o utiliza como exemplo de democracia racial. Todavia, ao mesmo tempo em



que reconhece a especificidade do futebol brasileiro a partir da contribuição negra, Freyre se deixa levar pela “ideologia do branqueamento” ao sustentar sua análise na dicotomia racional *versus* irracional, atribuindo maior valor ao primeiro termo (o homem branco estaria dentro da esfera da racionalidade) e valor reduzido ao segundo (por consequência, o homem/corpo negro habitaria a dimensão da irracionalidade, da bestialidade).

A cultura Ocidental, que valoriza o racional, coloca o negro em posição inferior, e neste sentido, embora Freyre reconheça o papel do negro na formação do futebol brasileiro, ele não ataca o binarismo que mantém o negro aprisionado em tal posição. Para este sociólogo, foi a pitada irracional do negro no futebol racional inglês que configurou o futebol brasileiro, e foi justamente o elemento racional europeu sobre o “primitivo” africano que engrandeceu o negro. Vê-se aí o mesmo tipo de racismo cultural presente na obra de Prado Jr. (1994), tal como argumentou Melo (2020). No prefácio da obra *O negro no futebol brasileiro* (RODRIGUES FILHO, 2010), Freyre diz: “com esses resíduos [afro brasileiros] é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é” (FREYRE, 2010, p. 25).

É nesse ponto que entra a crítica de Lélia Gonzalez acerca do futebol, enquanto Rodrigues Filho (2010) versa sobre a ascensão social do negro por meio do futebol, Lélia vai dizer que a sociedade reserva ao negro tudo o que é corporal, e por conseguinte, tudo que se volta ao corpo é da ordem do irracional e do mero entretenimento (GONZALEZ, 2020a). A crítica é importante, mas entendemos que o caminho não é ignorar a contribuição da corporeidade negra, mas bagunçar, com seus saberes e sua cultura, a oposição binária que sustenta o sistema de pensamento europeu. É preciso afirmar o *devoir-negro* como fundamental na formação do Brasil em termos intelectuais e também corporais, rompendo as rígidas comportas que separam ambas as esferas e reduzem o corpo negro àquela considerada inferior (a esfera irracional corporal), isto é, nem inferiorizar o corpo, nem ignorar a contribuição intelectual do negro.

Assim, o equívoco do conceito de Freyre está em funcionar na órbita da dicotomia hierarquizada, pois a manutenção da hierarquia do racional sobre o irracional serve à “ideologia do branqueamento”, sendo um eficiente mecanismo

de inferiorização de negros. E enquanto operar em conjunto com a “ideologia do branqueamento”, a democracia racial sempre será um mito.

O equívoco da noção de democracia racial no futebol está não em reconhecer uma particularidade do nosso futebol mestiço, mas em acreditar que por isso, o país seria/estaria livre de preconceitos raciais, quando esse reconhecimento vem articulado com a ideologia do branqueamento. O caso mais paradigmático do racismo no futebol é o de Moacir Barbosa do Nascimento, o famoso goleiro Barbosa. Negro e muito bem avaliado pela crônica esportiva da época de sua carreira (1940-1962), foi considerado o eterno culpado pela derrota do Brasil no final da Copa de 1950 (BREUNIG; OLIVEIRA; FRAGA, 2021). Como ele mesmo declarou: “a maior pena que existe para um crime no Brasil é de trinta anos. Desde 1950 eu sou condenado” (Maciel, 2020, p. 84).

Após a derrota, a nação começou um processo de busca pelo culpado, com várias justificativas distintas, e dentre elas, existia a que versava que o Brasil era uma raça inferior às outras nações (o “complexo de viralatas” forjado por Nelson Rodrigues) pela presença negra, e é precisamente aqui que os negros viraram alvo do racismo, sendo que os principais acusados pela derrota daquele 16 de julho foram jogadores negros, com especial ênfase ao goleiro Barbosa. O episódio do evidencia que perceber as contribuições do negro na cultura brasileiro não garante uma efetiva democracia racial livre de preconceitos. A memória de Barbosa, condenada por décadas, é um lembrete doloroso de como o racismo pode se perpetuar, mesmo sob a máscara de um imaginário de igualdade.

Portanto, a democracia racial será um mito quando operar em torno da dicotomia racional e irracional, atribuindo valor superior ao primeiro sobre o segundo e reduzindo o negro à esfera do irracional, como é típico da ideologia do branqueamento. Em síntese, a democracia racial será um mito quando estiver imbricada com a ideologia do branqueamento. Esta fusão torna-se uma forma de opressão sobre corpos negros ainda mais sofisticada, na medida em que escamoteia a ideologia do branqueamento.

## A “ideologia do branqueamento”: o desencantamento do futebol brasileiro

Enquanto se utilizava do futebol como a expressão da democracia racial por intermédio do *futebol-arte* de natureza mestiça, a ideologia do branqueamento continuava a operar em nível societal, com a divisão racial do trabalho e do espaço, e dentro do próprio futebol, em situações como a de Barbosa. Todavia, a partir do quartel final do século passado, parece ter ocorrido um enfraquecimento da noção de democracia racial no futebol (assim como em toda sociedade) e uma sobreposição da ideologia do branqueamento.

É comum ouvir de torcedores e consumidores comuns de futebol o quanto, por exemplo, o futebol europeu é “mais evoluído”, “mais robótico”, “mais tecnológico” e a tentativa de imitar o seu modelo é recorrente. Críticas a isso aparecem quando dizem que o fracasso brasileiro é justamente por tentar impor um modelo europeu ao “nosso futebol”, ao invés de afirmar aquilo de mais peculiar que ele tem. O fato é que após a Copa do Mundo de Futebol masculino de 1966, com a derrota do Brasil, o *futebol-arte* mestiço, como constituinte da identidade nacional, começou a perder espaço, em prol do chamado modelo de *futebol-força* europeu, dando lugar a outras formas de pensar no que seria o futebol brasileiro:

A ideia de um cuidado maior com a parte tática sempre fora vista com reserva, por nós, brasileiros, mas agora a tradição cultural artística de nosso futebol seria associada a conservadorismo. A modernidade estaria na intelectualidade, na capacidade de ler livros sobre futebol em inglês, francês e alemão. Isso significou o rompimento com o “futebol-arte” e seu predomínio na empiria, representada pelo diálogo e a malandragem, e a busca de se instaurar uma nova era para nosso país (GIL, 1994, p. 106-107).

É curioso notar que esse debate entre o futebol moderno e o antigo está ancorado no binômio corpo-mente, tão caro à ideologia do branqueamento. O futebol brasileiro de jogadores homens vem sendo modernizado no século XXI, sendo que o jogo começou a ser muito mais físico e tático do que técnico e focado em habilidades individuais. Passaram a regular o jogo os conhecimentos da

fisiologia, da análise tática e de desempenho, racionalizando e cientificizando a prática.

Não à toa, ganharam ênfase discursos que defendem que técnicos de clubes devem ser formados em Educação Física ao invés de serem ex-jogadores de futebol. E isso nada mais é do que a tentativa de ter um técnico com formação científica, forjado pelo olhar da ciência fisiológica e tática, oriundo do meio universitário. A substituição dos campos de futebol de várzea pelos clubes de treinamento e escolas de futebol reforçam esse processo (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009).

Outra maneira de desencantar o futebol foi a transformação das arquiteturas dos estádios no século XXI, que passaram a ser chamadas de arenas, e mudaram radicalmente a concepção de quem habita (ou não) estes espaços, como jogadores, torcedores e afins (DAMO, 2021). Arlei Damo (2021, p. 213) chama atenção para o conceito de “arenização”, isto é, “um neologismo que sugere a ideia de um processo de mudança na concepção dos estádios, impactado por transformações no espectro mais amplo do futebol de espetáculo”.

As modernas arenas, que começam a ser edificadas (ou reconfiguradas a partir de velhos estádios) ganham força a partir de 2010, claramente com orientação para a realização da Copa do Mundo de Futebol de homens de 2014. Além de imporem um fim da popular “Geral”, proporcionam aumento de preços de ingressos e serviços, remodelam formas de torcer e excluem populações menos abastadas, particularmente pretos e pardos. Em outros termos, é a ideologia do branqueamento (e da “limpeza”) incrustada na arquitetura.

Como afirma sarcasticamente Simas (2021, p. 206), “a arena é a birosca da esquina gourmetizada em boteco de grife” e é fruto da reforma dos estádios dentro dos moldes europeus estabelecidos pela FIFA, a federação internacional de futebol. Ocorreu uma contenção do torcedor a partir da disposição de cadeiras individuais e do término dos setores mais baratos dentro do estádio. Soma-se às reformas de alto custo e ao reordenamento dos espaços do torcer uma sofisticada re-elitização do futebol, excluindo corpos negros e pardos das arquibancadas (SILVA, 2024).

O enfraquecimento da representação do futebol enquanto *futebol-arte* também arrefece a contribuição do negro na formação social do Brasil no nível

das práticas corporais, e o fenômeno da arenização contribui para afastar negros da experiência do torcer e do lugar de torcedor. Com isso, instauram-se modos circunscritos e orientados nas formas de torcer no/pelo futebol.

### **Notas conclusivas: da dissolução do duplo nó**

Na história do futebol brasileiro o que se percebe é que o paradigma do *futebol-arte*, associado ao conceito de democracia racial freyreano e vastamente utilizado na obra de Rodrigues Filho (2010), deixou de ser dominante a partir da segunda metade do século XX, dando lugar a uma concepção de futebol mais racionalizado, organizado, sistematizado, científico e tático, imitando o modelo do futebol europeu. A partir da década de 1970, o *futebol-arte* passou a ser visto como sinônimo de atraso cultural (GIL, 1994).

Na leitura feita aqui defende-se que, o que ocorreu, de fato, foi a exclusão da noção de democracia racial nos modos de representar o futebol brasileiro, assumindo sem nenhum escamoteamento ou consciência pesada, o modelo europeu como superior. É como se a parte da democracia racial do duplo nó tivesse uma trajetória em arco, em que passa de inexistente pré-1930, para existente depois disso, e nos anos 1970, ser inexistente novamente. Deixou-se de articular democracia racial com a ideologia do branqueamento para operar essa última de maneira isolada. Tal mudança mexeu com aspectos da construção da identidade nacional articulada com o futebol: até então, os intelectuais que vinham formando o imaginário social do Brasil, como Freyre e Rodrigues Filho, associaram o Brasil com um tipo específico de jogo.

A trajetória em arco mencionada reverbera não apenas no estilo do jogo brasileiro, mas também na arquitetura dos estádios, tendo como exemplo mais paradigmático o Maracanã. Quando o mito da democracia racial e do homem cordial estavam em voga na identidade brasileira, a arquitetura do gigante de concreto refletia essa identidade, expressando o discurso de que o futebol era democrático e para todos. Todavia, a divisão social e racial do espaço estava presente: a Geral era para os pobres e negros, a arquibancada para a classe média branca, e os camarotes para os mais abastados, revelando a operação sorrateira da ideologia do branqueamento. Em tempos de re-elitização do futebol e do branqueamento das torcidas, a mudança na arquitetura baseada no modelo

européu retira da equação os mitos da cordialidade e da democracia racial, deixando a ideologia do branqueamento em estado puro e escancarado: morrem a Geral e o *futebol-arte*.

Defende-se aqui que o problema da democracia racial, que a torna um mito, está em primeiro lugar, por operar em conjunto com a dicotomia hierarquizada racional e irracional, que serve à ideologia do branqueamento. Em segundo lugar, por pensar que, pelo fato de o futebol brasileiro ser mestiço e ter contribuições negras, o preconceito e o racismo no Brasil não existem (e isso é uma falácia lógica haja vista a associação com a ideologia do branqueamento). Contudo, argumentamos que a democracia racial não deve ser deixada de lado enquanto horizonte ideal a ser alcançado, como vemos nos próprios textos da formação do Movimento Negro Unificado (MNU), no fim da década de 1970. O MNU foi fundado no dia 18 de junho de 1978, e sua primeira atividade foi um ato público contra o racismo, no dia 6 de julho do mesmo ano. Nesse ato, foi lida uma carta aberta à população que terminava com as seguintes linhas: “convidamos os setores democráticos da sociedade para que nos apoiem, criando condições necessárias para criar uma *verdadeira democracia racial* [...]” (GONZALEZ; HASENBALG, p. 64, 2022, grifo nosso).

Para eles, a crítica ao mito da democracia racial nunca chegou ao ponto de negar a efetivação de uma verdadeira democracia racial. O futebol brasileiro também precisa ser democrático, em termos da estética do jogo, em perspectivas arquitetônicas e de acesso à experiência do torcer.

Portanto, o que testemunhamos no futebol brasileiro na atualidade, é que o “duplo nó” (apontado por Lélia na leitura do Brasil) foi desatado pela retirada da democracia racial de sua constituição, deixando em operação apenas a ideologia do branqueamento. O que propomos é que o estabelecimento de uma verdadeira democracia racial (tal como defendido pelo MNU) no campo futebolístico deveria inverter essa disposição: que ela opere sozinha, sem a presença da ideologia do branqueamento.

## Referências

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Orgs.) **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 25-58.

BREUNIG, Felipe Freddo; OLIVEIRA, Douglas Meyer; FRAGA, Alex Branco. Jogada ensaiada: representações sociais da figura do goleiro no futebol brasileiro pós Barbosa. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 2, p. 101-106, mai-ago., 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/263672/001163306.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 jan. 2025.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**. Tradução: Verrah Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, University of California, Los Angeles, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan., 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=html&lan>. Acesso em: 30 jan. 2025.

DAMO, Arlei Sander. Dos grounds às arenas – as quatro gerações de estádios brasileiros em perspectiva antropológica. **Museologia e Patrimônio**, Unirio/MAST, v. 14, n. 1, p. 212-246, 2021. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/869/791>. Acesso em: 01 fev. 2025.

FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª edição. In: Mário Rodrigues Filho. **O negro no futebol brasileiro**. 5a. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas**. Tradução: Olívio Montenegro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

FREYRE, Gilberto. ‘Foot-ball mulato’. **Jornal Diário de Pernambuco**, 17 de junho, 1938.

GIL, Gilson. O drama do ‘futebol-arte’: o debate sobre a seleção nos anos 70. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 9, n. 25, p. 100-109, jun., 1994. Disponível em: [https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/021935\\_Gil\\_-\\_O\\_drama\\_do\\_futebol\\_arte.pdf?srsId=AfmBOop3kozbKnYRtonYHKOQ2OEwOU6A1tM2k55i5oZbTcHYI\\_Hq1u5P](https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/021935_Gil_-_O_drama_do_futebol_arte.pdf?srsId=AfmBOop3kozbKnYRtonYHKOQ2OEwOU6A1tM2k55i5oZbTcHYI_Hq1u5P). Acesso em: 22 fev. 2025.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. (Orgs.), **Por um feminismo afrolatinoamericano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.), **Por um feminismo afrolatinoamericano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

LIMA, Luís Filipe de. **Para ouvir o samba**: um século de sons e ideias. Rio de Janeiro: Funarte, 2022.

MACIEL, Alexandre Vinicius Nicolino. Preto não traz confiança: Moacir Barbosa do Nascimento e a síndrome de goleiros negros no Brasil. **Epígrafe**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 83-101, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/167493/162628>. Acesso em: 03 dez. 2024.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luís; MONTAGNER, Paulo César. Novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo. **Revista da Educação Física**, UEM/Maringá, v. 20, n. 4, p. 637-648, out.-dez., 2009.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Casac Naify, 2003.

MELO, Alfredo Cesar B. de. Raça e modernidade em Formação do Brasil Contemporâneo, de Caio Prado Jr. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 102, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/dvSkkNvZ3PzzHDqr56YcpRj/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MORENO, Andréa. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o ‘não-lugar’ da ginástica sueca. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 55-68, set. 2003.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 23<sup>a</sup> ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 5<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.



SILVA, Ana Beatriz Santos da. Onde estão os negros no futebol brasileiro?. **Ludopédio**, São Paulo, v. 178, n. 17, 2024. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/onde-estao-os-negros-no-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 04 dez. 2024.

SIMAS, Luiz Antonio. **Maracanã**: quando a cidade era terreiro. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.